

O Bouquet d'Angeja

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500, Brazil 3\$000 reis.—Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

REDACÇÃO

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO

ANNUNCIOS E COMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis.—Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

SUMMARIO

Discurso (Conclusão).
Noticiario.

Secção litteraria:

A tua carta (poesia)—Gonçalves Crespo.
O dote (Conclusão)—Guy de Maupassant.
Celeste (poesia)—Eça de Almeida.
O Bouquet—Eduardo d'Almeida.
Fevereiro (poesia)—Jayme de Seguir.
A mulher (poesia)—
Fragmento—Vêrde-Negro.
Etherea—Francisco Campos.
Horas vagas—Narcisa d'Albuquerque e Almeida Pinto.
Folhetim—H. de Sousa.

ANGEJA, 6 DE JULHO DE 1887

Discurso proferido pelo sr. ministro do reino, José Luciano de Castro, na sessão de 3 de maio, e que devia ler-se a pag. 375, col. 2.ª, em resposta a um discurso do sr. Lopo Vaz.

(Conclusão do n.º 17)

O sr. Arroyo:—E o India e o general Moreira?

O Orador:—O India e o general Moreira ainda não foram elevados á categoria de instituições do estado. Se eu soubesse que o tinham sido, já teria fallado n'elles; mas como estava persuadido de que ainda não tinham sido promovidos aquellas alturas, por isso me não referi a elles.

O sr. Arroyo:—Eu começo a receiar que, assim como v. ex.ª mandou o India fazer policia no Porto, um dia mande o sr. commandante

geral da armada fazer policia para a feira das Amoreiras. (Riso).

O Orador:—Permitta-me que lhe diga que essa observação não merece resposta; vem tão descabida, que me parece que o illustre deputado me desculpará se eu passar adiante. O que tem o commandante geral da armada com a policia mandada fazer no Porto?

O sr. Arroyo:—V. ex.ª mandou o India para o Porto para os officiaes de marinha fazerem policia no Douro.

Orador:—Tenha o illustre deputado paciencia; espere algum tempo, e quando liquidarmos a interpegação acerca dos acontecimentos do Porto, eu lhe mostrarei como o transporte India podia auxiliar o serviço policial e quaes as razões que o governo teve para assim proceder.

Já em Lisboa se empregou o transporte Africa como auxiliar da policia e todavia o sr. deputado não se insurgiu contra esse facto; (Apoiados), e só depois que o India foi ao Porto é que s. ex.ª ficou indignado. (Apoiados).

(Interrupção).

Vejo que os illustres deputados estão impacientes por serem governo! Supponham v. ex.ª que lhes fazemos a vontade, e que amanhã lhes entregamos o poder. Quaes seriam as consequencias?

Os fundos publicos voltariam a 43, o credito nacional continuaria arrastado, e o paiz voltaria ao estado de agitação em que se achava. Póde ser até que Braga e Guimarães viessem outra vez ás mãos; e logo o sr. Franco Castello Branco, em nome dos interesses de Guimarães, aqui fulminaria os illustres deputados.

E já que fallei n'este ponto, devo dizer ao illustre deputado por Guimarães, que ainda havemos de liqui-

dar nmas contas, porque nos primeiros dias da existencia d'este ministerio, quando s. ex.ª vinha aqui perguntar-me como é que eu havia de resolver a questão entre Braga e Guimarães, prometteu-me que, se eu resolvesse a questão de fórma que nem Guimarães mandasse procuradores á junta geral do districto de Braga, nem pagasse mais um ceutil para Braga, seria ministerial. (Apoiados).

Reclamo o illustre deputado para mim. (Riso). S. ex.ª hoje pertence-me. (Riso—Apoiados).

O sr. Franco Castello Branco:—Seria ministerial em relação a esse acto do governo.

O Orador:—Qual foi a questão magna que levou o illustre deputado quasi a romper com os seus amigos politicos?

O sr. Franco Castello Branco:—Já disse que era só n'esse ponto.

O Orador:—Se aquella era a questão do seu circulo, e tão grave que s. ex.ª não pode deixar de confessar que foi ella que determinou a queda do governo regenerador... (Muitos apoiados).

O sr. Franco Castello Branco:—Veja v. ex.ª como eu me afasto dos interesses do meu partido, quando elles não são compatíveis com as minhas opiniões.

O Orador:—Pois é exactamente por contar com a rectidão de principios do sr. Franco Castello Branco que eu appello para o cumprimento da sua promessa.

Eu resolvi a questão entre Braga e Guimarães, por meio de providencias geraes, que contentaram ambas as partes. (Muitos apoiados). O sr. Franco Castello Branco prometteu-me que seria ministerial se eu resolvesse a questão entre Braga e

Guimarães n'estes termos: «Guimarães não pagaria mais um ceutil para as despesas do districto de Braga, nem elegeria mais procuradores á junta geral.» Não resolvi eu a questão n'estas condições? Guimarães ficou satisfeita porque não tem a pagar nem um ceutil para as despesas do districto de Braga, nem que nomear procuradores á junta geral; qual é a consequencia? É que o sr. Franco Castello Branco pertence-me. (Riso—Apoiados).

Vozes:—Deu a hora.

O Orador:—Já deu a hora, e eu que estou fatigado e não desejo cansar a attenção da camara, termino aqui as minhas considerações.

Se for necessario terei o prazer de pedir novamente a palavra.

Vozes:—Muito bem.

(O orador foi cumprimentado.)

Redactor—Rodrigues Cordeiro.

UM NOVO LEGUME

Apesar de já não ser diminuto o numero de legumes cultivados nos jardins, ninguem contestará por certo a vantagem de augmental-o para corresponder ás constantes necessidades do consumo. Entre aquelles legumes, ha muitos cuja cultura, por ser difficil, não pode adoptar-se em todos os jardins; além d'isso, crescem geralmente ou na primavera ou no outono, resultando d'ahi serem raros e sempre por preço alto durante o verão.

São estes os motivos que me levam a recommendar uma planta que, por ser pouco exigente e produzir

FOLHETIM

SONETOS

MYSTICISMO

(1882)

Como as virgens do altar immaculadas,
Que oram aos céus, serenas e piedosas,
As mãos em cruz, nas cathedraes doiradas,
Entre o aroma catholico das rosas.

E choram docemente angustiadas,
Ante as finas imagens preciosas,
Na solidão das coisas mysteriosas,
Cheias de fé e pallidas, velladas.

Assim tu me pareces—quando a dor,
Alma feita d'azul! pomba d'amor!
Ennubla o teu olhar cheio de luz...

Como as santas serenas e dolentes,
Que oram aos céus curvadas e gementes,
Beijadas p'lo olhar doce de Jesus.

O MONGE

(1881)

Elle era um frade austero e macerado,
Mesto, cheio de viva fé na cruz,
Encontravam-o sempre humil, calado,
Nas solidões do claustro atro e sem luz.

Viam-o caminhar mudo e curvado,
Olhando o chão—os pés descalços, nus,
E andava sempre, torvo e angustiado,
A bater no peito ante o bom Jesus.

Nunca o seu labio entreabrira um riso.
Quando o viam passar os aldeões
E as creanças calavam o sorriso.

Corriam venerandas tradições.
Mas disse alguém que aquelle burel liso
Escondia sinistras ambições.

NIHIL

(1885)

Aquelle que, como um proscripto, errante
Sobre a terra passou, triste e ignorado,
Encontra na hora extrema e lancinante,
Aberto o seio bom, nunca cerrado,

Da terra, como um seio forte e amante,
Que o ha de abrigar e receber cansado
—Como o seguro porto ao navegante,
E laval-o das manchas do peccado...

Que a fonte no deserto é p'ra o sequioso.
E p'ra os que andam na treva e na amargura
Há o nada do olvido e do repouso...

E ó podridão na tua bocca impura
Tudo morre, se apaga, se aniquilla,
—A Alma, a Esperança, o Bem; sonhos d'argilla!...

O AMOR

(1886)

O gasto coração que dentro em nós palpita
O' tenebrosa flor! já tão gasto e ulcerado
Como um pomo que rói o verme do peccado,
E onde a Duvida só—mineiro escuro—habita,

Ha muito já que a Dor o traz amortalhado,
E que o triforme Mal, invisível termita,
Tragicamente assim na treva o tem varado...
O' podre coração que o Bem já não visita!

Mas ó escultural corpo, branco e perfeito,
Sfinge de mudo olhar, ó lubrica serpente,
O' Carne victoriosa, ó Carne sem defeito,

Mais que a Duvida, o Mal, o Desengano, a Dôr,
Uiva e brame em nós, como uma loba sedente,
O invencível, o eterno, o omnipotente Amor.

H. de Sousa.

todo o anno, está nas condições de aproveitar-se. Devo, porém, observar que este legume não é absolutamente novo nas nossas culturas, por isso que era muito conhecido dos antigos, ao que parece.

O esmyrno (*Smyrnium olusatrum* L.), salsa dos cavallos, era uma das Umbelliferas mais geralmente cultivadas nos jardins, como legume, isto durante quinze seculos, segundo diz M. A. de Candolle na sua obra intitulada «*Origem das plantas cultivadas*». Dioscorido informa que se comiam as raizes e folhas d'essa planta, Carlos Magno recommendava que a semeassem nas suas propriedades, e os italianos fizeram uso d'ella em grande escala. Pelos fins do seculo 18.º fallava-se tradicionalmente do esmyrno em Inglaterra, e depois nem os horticultores inglezes nem os francezes se referiram mais a ella.

Qual pôde ser a causa que leve a pôr de parte um legume geralmente cultivado? Não é possível explical-a, visto não se invocar nem a dificuldade da sua cultura, que é simples, nem a carencia de qualidades identicas ás de muitas outras plantas de consumo. A causa está talvez na inconstancia do gosto, que passa em dada epocha para reaparecer mais tarde.

As sementes da variedade hortícola de esmyrno que cultivo vieram-me da Turquia, onde esta planta é muito apreciada. Ali fazem uso das folhas depois de estioladas, e tambem das raizes. Parece-me que as folhas não estão no caso de satisfazer ao nosso paladar, por terem um sabor forte e pouco agradável, o que não se dá com as raizes; estas são cinzentas, fusiformes, e têm a polpa tenra e completamente livre de tecidos fibrosos duros, como se encontram, por exemplo, na pastinaga. O tecido celular é cheio de fecula, com granulos muitas vezes geminados e de dimensões variaveis, attingindo um maximum de 40 millesimos.

Para aproveitar esta raiz, é conveniente raspar-a levemente, cozê-la depois em muita agua, e em seguida cosinhá-la por qualquer modo, como, por exemplo, fritando-a. Todas as pessoas que a têm provado a acham saborosa. Quanto á sua cultura, é o que ha de mais simples e consiste em lançar a semente á terra, já lavrada, desde o principio da primavera até fins do verão; as raizes colhem-se trez mezes depois da sementeira, e durante esse periodo não é necessario dispensar-lhe cuidado algum, porque esta planta pode prescindir até das regas. Na primavera a sua cultura é possível em alfofre; dentro de dois mezes colhem-se bellos productos.

Tal é a planta que recommendo na esperança de que ella seja util senão a todos, attenta a dificuldade de tornar de prompto bem acceite um alimento novo, ao menos áquelles que procuram e não receiam experimentar aquillo que nem todos experimentam.

(*Journal de l'Agriculture*).

O escriptor Francisco Travassos Valdez

Com particular satisfação, vimos que o illustre publicista e deputado ás côrtes, pelo circulo eleitoral do Porto, ex.º snr. Joaquim Pedro d'Oliveira Martins, apresentou, na respectiva camara, em sessão de 23 proximo passado, um novo requerimento do nosso tão trabalhador amigo Francisco Travassos Valdez, juntando, como documento explicativo, outro requerimento, que, do Ferrol, em 14 d'Outubro de 1886, dirigiu a S. M. F., pelas vias competentes, pedindo, pelas justas razões que allegou, ser declarado Consul de 1.ª classe, ou, em quanto não houver vacatura conveniente, posto em disponibilidade, e, em ultimo caso, aposentado como consul geral, com os vencimentos competentes. No novo requerimento, do snr. Valdez, ás côrtes, lembra mais que tambem, se melhor parecesse ao parlamento e ao governo, poderia ser declarado secretario de governo aposentado de Provincias Ultramarinas, pois que serviu, como tal, em Timor, sendo demittido d'esse cargo, como o foi do d'Arbitro da Commissão Mixta Portugueza e Britannica do Cabo da Boa-Esperança, sem declaração de causa, que, aliás, os Tribunaes Superiores do Reino, por *Accordios* unanimes, e sem impugnação sequer por parte do proprio Procurador Geral da Corôa, consideraram não haver, em verdade.

Honra, pois, ao snr. Oliveira Martins, por se haver apressado, nobremente, em dar mais a nova e bem manifesta prova de seus altos e reconhecidos principios de imparcialidade, assim como do seu grande cavalheirismo e da sua sublimissima illustração, recommendando á rectidão, e mesmo ao favor, dos Representantes da Nação, um pobre e velho confrade, ha tantos annos desempregado, apezar de ter prestado, realmente, bons serviços a Portugal, ás nossas Colonias e á humanidade, sendo incontestavel que o snr. Valdez—senão é o unico—é, pelo menos, dos poucos portuguezes que tem escripto em inglez no patriótico intuito de rebater os erros e desmascarar as falsidades que alguns estrangeiros propalaram em descredito tanto das nossas Provincias Ultramarinas e das boas ideias e comportamento digno dos briosos e emprehendedores filhos da nossa Patria.

Emfim, é de esperar que, d'esta vez, seja attendido, finalmente, o snr. Valdez, mórmente sendo innegavel que innumerous individuos, que já-mais haviam servido o Estado, teem sido collocados em vacaturas de antigos empregos e d'outros novos creados ultimamente, sob differentes Ministerios.

Além d'isto, o snr. Valdez é o unico dos ex-funcionarios das ora extintas commissões Mixtas de Loanda e do Cabo da Boa-Esperança, que se acha desempregado, não obstante a Lei vigente de 26 de março de 1871, lhe ser positivamente favoravel.

Em todo o caso, basta ser elle filho do bravo General José Lucio Travassos Valdez, primeiro Conde do Bonfim, para merecer a consideração do Governo e das côrtes; porque ninguem ignora que o dito illustre General foi um dos chefes dos Liberaes Progressistas, que foi sempre fiel aos seus e que mais soffreu pela causa da Corôa e do Paiz.

O snr. Valdez distribuiu folhetos pela Imprensa e aos Ministros, Pares, Deputados, etc., apresentando copias de documentos irrespondiveis, que demonstram a sua justiça.

El-Rei, que é tão bondoso, não deixará de sympathizar com o digno escriptor, e de o proteger.

NOTICIARIO

Agradecimento.—Antonio Joaquim de Freitas, d'Angeja, agradece por este modo, enquanto o não faz pessoalmente a todas as pessoas, que durante a sua longa doença o visitaram, ou por qualquer forma se interessaram pela sua saúde. A todos protesta a sua eterna gratidão—não podendo deixar de mencionar especialmente as redacções do *Districto d'Aveiro, Campeão das Provincias e Bouquet d'Angeja*—pelas manifestações d'apreço e estima que lhe deram a tal proposito. Digne-se v... dar-lhe publicidade, no 1.º numero do seu acreditado jornal, pelo que lhe fico summamente agradecido.

Enfermidade.—Tem estado muito doente ha algumas semanas em Lisboa, o snr. dr. Antonio Augusto Nogueira Souto, juiz do tribunal administrativo d'alli. Já vai bastante melhor, o que cordealmente estimamos.

Acha-se tambem doente d'uma lesão pulmonar em Angeja, o filho do nosso amigo, snr. José Nunes de Pinho, o que sinceramente sentimos.

Publicações.—Recebemos as seguintes cuja permuta gostosamente aceitamos.

—O *Camões* semanario litterario, cujo programmapublicamos no n.º antecedente. Apareceu muito bem escripto, impresso em bom papel. É muito digno de ser lido. É seu proprietario como dissemos o nosso amigo o snr. Antonio Machado Guimarães.

Desejamos-lhe ao illustre collega uma existencia longa e em todo o seu percurso tapetado de rosas.

A *Nuvem* quinzenario, de que é redactor o snr. Guilherme Teixeira Machado. Parece-nos bem redigido. Tem a sua sede no Porto.

Posse.—Foi no sabbado ultimo tomar posse do logar de escriptuario de fazenda á Villa da Feira o nosso amigo, o snr. José Estevam Coucelro da Costa.

Fallecimento.—Não resistiu aos ferimentos recebidos na queda que dera ha dias o nosso querido amigo, reporter do *Commercio do Porto*, Francisco Eduardo de Castro Sampaio, fallecido no mez passado, n'um quarto particular do hospital da Misericordia.

A morte arrebatou-o aos 21 annos, cheio de vigor intellectual e robustez phisica, ávido de saber, de se engrandecer e de alegrar com a melhoria da sua situação, a sua carinhosa mãe que deixou ao abandono.

Francisco Sampaio começou por aprendiz na typographia; passou depois para a administração do «*Commercio do Porto*» e ha tempos entrara para a redacção do mesmo jornal, onde era estimado pelos proprietarios e mais pessoal d'aquelle periodico.

Bem poucas vezes a morte é tão cruel, como n'um caso d'estes: lançar sob a lousa tumular um rapaz repleto de talento, um caracter puro e honrado, um trabalhador que vence todos os obstaculos, e que era o unico arrimo de sua extremosa mãe.

Conhecemos-o sem recursos de qualidade alguma, estudar o hespanhol, o francez, o inglez, frequentar, nas poucas horas vagas da noite, o Instituto Industrial, procurando sempre instruir-se.

Em 1885 imprimiu-se na typographia do «*Commercio do Porto*», com o titulo de «*Novellas e Contos*», um livro de 240 paginas, encerrando apreciaveis traducções.

E tudo isto se fez em 10 annos e, depois de tanto trabalho, um instante de infortunio lança por terra a obra que tanto custara a erigir.

Profundamente sentimos o subito desaparecimento do nosso sempre chorado amigo, e enviamos aos nossos collegas do *Commercio do Porto* a expressão da nossa condolencia, pela dôr cruel e consideravel perda que acabam de soffrer.

A companhia das aguas.—Quando ha dias um individuo abria a torneira da agua da companhia, de que é consumidor, recebeu uma bella minhoca viva.

Então os filtros deixam passar esta bicharada, ou temos os tubos da cidade já convertidos em minhoqueiras?

Procurador geral da corôa.—Está n'esta cidade o snr. conselheiro Antonio Cardoso Avelino, procurador geral da corôa. S. ex.ª visitou hontem as diversas repartições da procuradoria regia, onde foi recebido pelo respectivo procurador o snr. dr. Augusto Maria de Castro, com quem conferenciou por largo espaço de tempo. Hontem foi s. ex.ª, pela uma hora da tarde, visitado oficialmente pelo snr. dr. Augusto Maria de Castro, secretario da Procuradoria Regia e seus delegados.

Suicidio.—Pelas 5 horas da manhã, do dia 1 de julho, foi encontrado morto e banhado em sangue, ao largo da Sé, o praticante de pharmacia José da Costa Brígida, 20 annos, solteiro, natural de Mangualde.

Este quadro horrivel deparou-se a uns trabalhadores, que participaram o facto á policia.

Tudo provava um suicidio: o rapaz estava de costas; a mão esquerda apertando o peito, a direita crispada, a escorregar-lhe d'uma ilharga um revolver com tres cargas. Encontrou-se uma carteira com 1\$200 rs. em prata, um envelope subscriptado á senhora que adorava, alguns cartões de visita, um anel e varios bilhetes. N'um cartão escrevera elle á pessoa que fora o seu enlevo e o seu desespero:

Quando abrir esta carta, serei já cadaver. Adeus até á eternidade.

Toninhas.—Ante-hontem pela manhã appareceram no rio Douro, em frente da Ribeira, tres toninhas, as quaes, depois de percorrerem varios pontos do rio, foram perseguidas por alguns barqueiros, que, segundo se dizia, conseguiram matar uma nas proximidades de Avintes.

Não ha memoria de ser visto dentro da barra este mamifero cetaceo, tambem chamado marsopa, roaz ou porco marinho (*delphinus phocaena*).

Inspecção.—Foram hontem inspeccionados 33 presos, já condemnados a degredo, e que se acham nas cadeias da Relação do Porto.

Partem brevemente para Lisboa.

O jubileu da rainha Victoria.—Dizem de Londres que a rainha Victoria recebera no dia 1, em Windsor, todos os principes indios actualmente em Londres.

Em consequencia do desejo expressado pelo principe de Galles de mostrar o Palacio de Crystal aos régios hospedes da rainha; celebrou-se alli um festival. No grande numero dos convidados destacavam-se os reis da Dinamarca e da Grecia, o duque de Bragança, o principe e a princeza imperial da Alemanha, o duque de Sparta e o principe Jorge da Grecia.

Já deixaram Londres o principe e princeza Guilherme da Prussia, os principes Luiz da Baviera e Luiz de Bade, voltando para a Alemanha.

SECÇÃO LITTERARIA

A tua carta

(A. J. Simões Dias)

Tem as letras desmaiadas
A carta que me escreveste,
Talvez do calor do seio
Onde escondida a trouxeste.

O perfume que ella exhala
Entonteceu-me a cabeça,
Lembraram-me os doces beijos
Da tua bocca, travessa.

Eu não dera a tua carta
Por cousas de alta valia;
São mais lindos que as estrellas
Teus erros de orthographia!

Por isso tracto essa carta —
Com mais cuidado e mais zelo
Que o louro anel que me deste
Das tranças do teu cabelo.

Por isso a leio e releio
Toda a noite em voz maguada,
E o papel eston beijando
Quando rompe a madrugada.

Cinco letras d'essa carta
Valem mais que a luz do dia:
São aquellas cinco letras
Do teu nome de Maria...

Sempre que vejo essas letras,
Cuido ver o teu sorriso;
Oh letras! vós sois as chaves
Das portas do paraizo!

Oh filha! quando medito
Nas rosas do meu passado,
Parece-me a tua carta
Um lindo altar enfeitado.

E penso... vê lá por onde
A phantasia me voa!
Que tens a mão sobre a minha,
Que um padre nos abençoa...

Eu não dera a tua carta
Por cousas de alta valia,
Ainda que mais não tivesse
Que o teu nome de Maria!

Gonçalves Crespo.

O DOTE

(Conclusão)

Os outros viajantes, alinhados e mudos,—um caixeiro de mercçaria, uma costureira, um sargento d'infanteria, um sugeito de luneta d'oiro com um chapen alto d'abas enormes, duas damas com ar d'importancia que pareciam dizer: «Nós vamos aqui, nós valemos muito mais do que isto» — duas irmãs da caridade, uma rapariga em cabello e um gato pingado, tinham o aspecto d'uma colleção de caricaturas, d'um museu de grotescos, d'uma serie de charges de physionomia humana, semelhantes ás filis de bonecos do Pim! Pam! Pim! das feiras.

Os solavancos do carro obrigavam-nos a agitar as cabeças, sacudiam-nos, faziam-lhes tremer a gordura das faces; e a trepidação das rodas embrutecia-os. Pareciam idiotas.

Joanna não podia recobrar-se do

seu espanto. «Porque não veio elle para ao pé de mim?» dizia ella. Opprimia-a uma tristeza vaga. Elle podia ter-se privado muito bem do seu cigarro!

As irmãs da caridade, mandaram parar o omnibus e sahiram uma após a outra, deixando na sua passagem um cheiro incommodo de saias velhas.

Continuou a viagem, e pouco depois parava novamente o omnibus. Entrou uma cosinheira, vermelha e offegante. Sentou-se e collocou sobre os joelhos o cabaz das compras. Um cheiro forte de cosinha espalhou-se por todo o omnibus. — «E' mais longe do que eu pensava, disse para consigo Joanna»

O gato-pingado sahio, e foi substituido por um cocheiro que infectou o carro com o cheiro da estrebaria. A mulher do tabelião, sentia-se pouco á vontade, desanimada, prestes a chorar sem saber porquê.

Outras pessoas desceram e subiram. O omnibus seguia agora por interminaveis ruas, parando nas estações, para pouco depois continuar o seu tracto.

—Como é longe! dizia Joanna. E se elle teve alguma distração ou adormeceu, coitado! Não tem dormido muito ha bastantes noites.

Pouco a pouco foram sahindo todos os passageiros. Joanna ficou só. O conductor olhou para ella e disse: *Vaugirard!* Ella olhou para aquelle homem, comprehendendo que aquella palavra lhe dizia respeito, pois que no omnibus não havia mais ninguém. E o conductor repetiu: *Vaugirard!* Joanna, por dizer alguma cousa, perguntou-lhe:

—Onde estamos nós?
O homem respondeu com mau modo:

—Estamos em *Vaugirard*, não ouve? Ha um quarto de hora que lh'o eston repetindo.

—E' longe do *boulevard*?
—De que *boulevard*?
—Do *boulevard* dos italianos?
—Ha que tempo que passamos por lá!

—Ora esta! Faça-me favor de prevenir meu marido.

—Seu marido? e onde está elle?
—Na imperial!

—Na imperial! Ha muito tempo que lá não vae ninguém!

Joanna fez um gesto de terror.
—Como! Não é possível! Elle subiu comigo... Veja bem. Elle deve lá estar!

O conductor tornava-se grosseiro e brutal:—Vamos, vamos, pequena, temos conversado! Por um homem que se perde, dez que se encontram. Não se desconsola, acabou-se! Achará outro, não tardará muito!...

A pobre senhora sentia os olhos inundados de lagrimas: «Engana-se senhor, affirno-lhe que se engana. Elle trazia uma grande carteira debaixo do braço».

O conductor desatou a rir.
—«Uma carteira, é isso mesmo! Apeiou-se á Magdalena. E' o que lhe digo, deixou-a! Ah! ah! ah!

O omnibus parou. Joanna sahio e olhou, a seu pezar, com um movimento instictivo para o imperial. Estava completamente desvairada.

—O que ha-de ser de mim, o que hei de fazer?

O inspector de estação, aproximou-se d'ella. «O que ha de novo».

O conductor respondeu com ar trocista: «E' uma senhora que o marido abandonou no meio do caminho».

O outro disse então: «Bom, bom, não é nada! Trate lá das suas obrigações.» E voltou-lhe as costas. Joanna começou a andar ao acaso, muito assustada, muito atonita para

compreender o que lhe estava succedendo. Para onde iria? Que havia de fazer?

Que lhe teria acontecido a elle? D'onde vinha um semelhante descuido? Um esquecimento?

Um engano? Uma tão incrível distracção.

Tinha apenas dois francos na algibeira. A quem se havia de dirigir? E de repente lembrou-se de seu primo Barral, sub-chefe do ministerio de marinho.

Possuia precisamente com que pagar uma corrida de trem.

Fez-se conduzir a casa do primo Encontrou-o na escada quando ia para a repartição. Como Lebrument, o primo de Joanna trazia tambem uma carteira debaixo do braço.

—Henrique! disse-lhe ella.
Barral parou estupefacto. Joanna aqui sósinha? Que faz?

D'onde vem?
Ella balbuciou com os olhos rasos d'agoa,

—Meu marido perdeu-se, primo!...

—Perden-se? Mas onde?...

—N'um omnibus.

—O que?... n'um omnibus? Oh!

E ella contou-lhe a chorar a sua aventura.

O primo ouviu-a e reflectiu. Depois perguntou-lhe.

—Diga-me. Elle esta manhã tinha a cabeça em bom estado?

—Tinha, sim!

—Muito bem. Trazia consigo algum dinheiro?

—Trazia... o meu dote!

—O dote... e todo?

—Todo! para pagar hoje mesmo o seu officio de tabelião.

—Pois então minha querida prima, o seu marido a estas horas vae caminho da Belgica.

Ella não comprehendia ainda.

—Meu marido... diz?

—Digo que lhe roubou o capital e que se pôz ao fresco.

Joanna ficou um momento aturdida, suffocada e apenas pôde dizer.

—Mas então é... é... um miseravel!

Depois, desfallecida pela emoção, teve de se encostar, despedaçada pelos soluços, ao peito do primo Henrique.

Como passassem, n'esse momento algumas pessoas, o Barral impelliu-a docemente, ajudou-a a subir a escada e logo que a creada, muito espantada, abriu a porta disse-lhe:

Sophia, vá depressa ao restaurante buscar um almoço para duas pessoas. Hoje não vou á Repartição...

Guy Maupassant.

CELESTE

Tudo na minha vida ia acabando
Essas flores ideaes da phantasia
Iam-se, lentamente definhando,

E a minh'alma tristissima e sombria
Começava a não ver no seu futuro
Um unico vislumbre d'alegria;

Porém na tela d'esse fundo escuro,
Eu vi surgir a imagem luminosa
D'esse teu rosto celestial e puro,

E,—como se existisse alguma rosa
Dentro d'este meu peito,— eu vi entã
Abrir-se novamente á luz radiosa

O meu triste e opprimido coração!..
E tu, meu casto lirio immaculado,
Conseguiste tornar em um volcão

O meu peito já quasi enroquelado...
Bem dita sejas tu, alva cecem,
Que deste ao meu viver angustiado

Esse grande pharol que todos tem,
E que eu tinha perdido em pequenino
Por ter perdido o amor de minha Mãe!

Como tu conseguiste que o destino
Podesse debuxar na sua tela
A luz do teu perfil correcto e fino!

E' que tens n'essa fronte, alma singela,
Um não sei quê de santo e de celeste
Como o pallido brilho d'uma estrella...

E assim, foi quando tu me appareceste
Que essas nuvens sombrias da desgraça
Fugiram ao roçar da tua veste,

Bem como a noite escura foge e passa,
Ao ver surgir a luz do sol fulgente
Entre nuvens finissimas de cassa...

E's tão bella e gentil, ó flor tremente,
—Rosa cahida dos jardins do Emyreoo,—
Com a gotta d'orvalho transparente

Engastada no peitod'algun lirio...
O que eu sinto por ti não é amor,
O que eu sinto por ti é um delirio!

Gosto immenso de ver-te, ó minha flor,
A coser á janella, ou encostada
N'essa mãosinha ideal, que é um primor;

Mas, de manhã, se estás despenteada,
E' que eu gosto de ver, ó meu thesoiro,
A tua fronte bella encaixilhada

Nas espiraes do teu cabelo loiro,
Que te cahem depois até ao chão
Em catadupa ideal de fios de oirol

Ao ver-te assim, eu julgo uma visão
A luz do teu perfil correcto e fino,
E, se penso que és minha, eu digo então:

—Bem dito sejas tu, lirio divino,
Que me deste esse amor que todos tem,
E que eu tinha perdido em pequenino
Por ter perdido o amor de minha Mãe!—

Eça d'Almeida.

O BOUQUET

No elegante *boudoir* da condessinha, branca e risonha como um recanto celeste onde volitasssem as meigas phantasias d'uma imaginação infantil, havia alguma cousa de triste, dominando aquella harmonia de setins e perfumes.

Ao centro do toncador, pendendo d'uma jarra de Sévres, um *bouquet* de violetas emurchecido, quasi secco, tinha o ar magnado de quem chora uma perda irreparavel.

Mauricio Lavollie, um garboso rapaz addido á embaixada franceza, e por quem a gentil fidalga sentia uma paixão profundissima, a ponto de se enraivecer quando, nos theatros ou pelos salões, o via trocar um olhar casual com qualquer outra mulher, esse bello diplomata, de quem

ella, admiradora de Lamartine, fizera o seu Raphael, veiu despedir-se a sua casa, por uma tarde de fevereiro.

Trouxera-lhe um elegante bouquet. Ao recebê-lo, a condessinha, disse, enternecida:

—Espero que o teu amor não viva apenas a vida d'estas flores, apesar da distancia que por tanto tempo hade separar-nos.

E procurando sorver, com os seus olhos radiantes e negros, o ultimo sorriso que brilhou nos labios de Mauricio, aspirou as violetas, como que para incensar a profunda saudade que lhe affluia ao coração.

Passado algum tempo, a condessinha deixou de apparecer nos theatros, e não era facil encontrá-la pelos salões do mundo elegante, a deslumbrar, com a belleza do seu rosto e com o brilhantismo das suas toilettes principescas, as outras mulheres, que a olhavam invejosas, e os homens, que a seguiam loucamente, na eterna esperança de lhe ouvirem uma palavra d'amor, descendo dos seus labios mimosos com a rosea luz d'um sorriso...

Segundo se dizia, a condessinha nunca mais soubera do francez, e por isso passava as noites em casa, isolada e triste, entrecortando de maguados suspiros, o dissipar das suas chimeras cor de rosa.

Disse a alguém a creada particular, que não chegavam havia tres mezes cartas de França, encontrando ella, desde então, todas as manhãs, as violetas orvalhadas de lagrimas...

E' por isso que no *boudoir* da gentil fidalga, ha alguma cousa de triste, dominando aquella harmonia de setins e perfumes; e que o bouquet, emurchecido, quasi secco, tem o ar maguado de quem chora uma perda irreparavel.

Eduardo d'Almeida.

FEVEREIRO

Emquanto a ventania louca s'estorce ao longo dos caminhos, uma raiz adusta e ôca serve d'asylo aos passarinhos.

Do vendaval potente e agil, passam as furias desabridas, deixando illéso o tecto fragil que abriga aquellas frageis vidas.

Muito juntinho e conchegado no seu refugio estreito e quente, aguarda o pobre bando alado que Abril desponte no Oriente.

E embora n'esse obscuro asylo mal possa ver a luz dos ceus, chilreia e sente-se tranquillo porque está sob a mão de Deus.

Foi elle quem lançou na estrada os vellos troncos salvadores e disse á neve amaldiçoada: «Péupa esse bando de cantôres!

«Deixa viver as avesitas, para que, em vindo o calmo calôr,

haja caricias infinitas em toda a selva, ébria d'amor!

«Pra que debaixo da espessura das ramarias verde-negras, eccôe cheia de frescura a doce voz das toutinegras.

«Pra que no mundo, êrmo gelado se n'elle não houvessem ninhos, exista sempre alguém de alado e á falta de anjos, passarinhos».

Jayme de Seguíer.

A MULHER

A mulher, astro que brilha no ceo immenso do amor; a mulher, a maravilha do grande ser Creador.

A mulher, branca palma, n'alma possui o alvor do sol brilhante, que assoma no ceo immenso do amor

A mulher, cofre d'encantos, a rosa bella e florida do triste jardim da vida onde os martyrios são tantos, a mulher, um diamante no anel da natureza, se a mulher não existisse, não existia a belleza.

Creança ainda, quando brando enleio nos faz seu seio estremecer, pulsar passa risonha, descuidosa, bella, magica estrella no paterno lar.

Seu pai, um velho, venerando e pobre, mas bom e nobre no sentir da alma, diz-lhe: "creança tu não vês o mundo, o mar profundo que jámais se acalma.

Trabalha filha, que o trabalho rude é só virtude, só amor e paz: a filha pouca, vê a mãe... depois vê as delicias, que o amor traz...

Um dia vemol-a ainda, mas não é já descuidosa, sorri, é bella, e é linda como a branca mariposa: o botão tornou-se rosa, a filha tornou-se esposa.

E' sempre, sempre mulher, é sempre a magica flor cumprindo as ordens prescriptas (pelo bom Deus Creador?) é sempre estrella brilhante do ceo immenso do amor

Mais tarde, no lar domestico, ha um sol, mulher tambem; depois de filha e de esposa, é mais do que isso:—é mãe!

Tudo que existe na terra de mais nobre e de mais santo, a palavra—mãe o encerra, essa palavra d'encanto.

E não ha na natureza tão doce nome sequer é um poema este nome é um poema a mulher!!

Fragmento

SONHO

À Ex.^{ma} Snr.^a D. C. do M.

.....
.....
.....

Sonhei que uma pequenina nuvem, incerta e passageira adejava no

horizonte da minha vida; e que as brisas fugitivas, com o seu divinal sópro, me mostraram no meio d'ella milhares de felicidades, que eu vira pelo prisma rosado da juventude.

Depois, momentaneamente, tornou-se espessa e carregada, e eu pude divisar no seu seio o anjo exterminador, que se collocára entre ti, e o que procura em vão no espaço, o sol benéfico e vivificante do amor!

Seria phantasia ou realidade?
Verde-Negro.

ETHEREA

Canta, meu anjo, canta,
Que a tua voz suave
E' o gorgoejo d'ave
Que á tarde nos encanta.

Ah! que doce tanta!
Desprende a aza, oh ave,
E n'amplidão suave
Canta, meu anjo, canta.

Sim! Voa ao infinito!...
Deus tem lá um bercito
Todo feito de flores...

E se Elle o consentir,
Quando eu d'aqui partir,
Dar-te-hei meus amores.

Porto—87.

Francisco Campos.

HORAS VAGAS

Decifrações do n.º antecedente:
Horas vagas: logogrifho—Felicidade.

AO SNR. NARCISO D'ALBUQUERQUE

—Inclito charadista—

Continúa o auctor dos "Triolets", dedicando-lhe uns humildes logogrifhos

LOGOGRIFHO

(Por syllabas)

Tivesse a «felicidade»
Da «Felicidade» ter,
Que eu lhe juro não havia
De logogrifhos fazer,
Pois uma «Felicidade»
Chegava p'ra me entreter.

O meu humilde tugurio—4.^a, 1.^a
Tem as cadeiras á volta;—1.^a, 2.^a

VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C.^a

UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barbot, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Idefonso, 87.
Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 105.
José Martins Ribeiro, rua do Almada, 230.
Evangelista José da Silva, rua do Bomjardim, 380.

Recommenda-se com especialidade as marcas FLATTING e CRYSTAL, tanto de primeira como de segunda qualidade.



E' já bem conhecida a superioridade d'estes vernizes. Há-se amostras a quem as pedir

PREÇOS

Verniz Flating, de 1.^a qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.^a, 15800 reis.
Verniz Crystal, de 1.^a qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.^a, 25000 reis.

Desconto para revender.

IMPRESA REAL—Praça de Santa Thereza, 43, 44 e 45—PORTO.

Uma d'ellas 'stá partida,—3.^a, 4.^a
E' humilde, trago-a solta,—3.^a, 1.^a

Com certeza não precisa
Dar muitas voltas á bola,
Para o meu caro encontrar
Esta cidade hespanhoia.

O passado logogrifho
Era «Predestinação».
Eu preguei-lhe essa pirraça
Do que lhe peço perdão.

Almeida Pinlo.

ANNUNCIOS

FORNECIMENTO

A secretaria da procuradoria regia junto da Relação do Porto, rua do Coronel Pacheco n.º 10, recebem-se, até ao dia 21 do proximo mez de julho, propostas para fornecimento de 100 pares de calças, 100 jaquetas e 100 camisas para homem, 50 saias, 50 jalecos de baeta e 50 camisas para mulher, para uso dos presos indigentes da cadeia da Relação do Porto, conforme os padões existentes na secretaria da mesma cadeia, devendo metade d'estes objectos ser fornecidos dentro do prazo de 30 dias e a outra metade dentro de 60, a contar da adjudicação. Os que pretenderem fornecer estes objectos deverão dirigir as suas propostas em carta fechada ao exc.^{mo} procurador régio junto da Relação do Porto, sem designação externa do nome do fornecedor. As propostas serão abertas pelo mesmo exc.^{mo} procurador régio, ás 12 horas da manhã d'aquelle dia, no seu gabinete na referida secretaria, e em seguida abrir-se-ha concurso publico para que os interessados possam fazer em acto de licitação, novas propostas, afim de ser adjudicado o fornecimento a quem o fizer em condições mais vantajosas.

Para ser admittido ao concurso é necessario offerecer fiador idoneo, que se responsabilise pela execução do contrato no prazo acima fixado, pela exactidão na qualidade das fazendas escolhidas, perfeição na feitura dos objectos fornecidos e pela indemnisação resultante da differença que houver entre o preço da adjudicação feita e do novo contrato, a que seja mister proceder, no caso de falta de cumprimento integral d'este contrato.

Porto e secretaria da procuradoria régia, 2 de julho de 1887.

O secretario interino,
Antonio Augusto de Sá Varella.